

IDADE E SOLIDÃO: a velhice das mulheres

Alda Britto da Motta*

Resumo

A solidão, como um sentimento, pode estar presente em todas as idades. Significando uma falta de conexão e satisfação emocional de uma pessoa em relação a outras, em sentir-se sem afeto, apoio ou aceitação, pode acontecer em várias circunstâncias e situações que a alguns não atingiria, mas a outros pode atingir fundo. Pode acontecer quando há escasso número de pessoas presentes na vida de alguém, mas também quando as pessoas disponíveis não guardam especial significado... No caso da velhice, adquire configuração especial, porque remete, comparativamente, a experiências passadas mais positivas. Ponto de chegada de longa trajetória de vida, revela perdas e sem ater-se exclusivamente à subjetividade, expressa sobretudo a marginalidade social de que todo velho ou velha é objeto. Na pesquisa, as queixas apontam para situações expressas em termos de “Passo o dia sozinha, de noite os filhos chegam do trabalho, tomam banho, jantam e saem para encontrar os amigos. Continuo só” ou, “é muita gente em casa, mas me sinto só”. “Depois de velha, fiquei invisível”. Em termos mais gerais, a pessoa idosa sente a vivência de quem não recebe convites, de quem não desperta interesse; de quem é “diferente”. É a sensação de quem se sente à margem, exatamente porque, material ou simbolicamente, está posta à margem, mesmo. Importante a reflexão sobre isso.

Palavras - chave: solidão; velhice; gênero; mulheres.

Abstract

Loneliness, as a feeling, can be present in all ages. Meaning a lack of connection and emotional satisfaction of one person in relation to others, in feeling without affection, support or acceptance, it can happen in several circumstances and situations that would not affect some people, but others could affect deeply. It can happen when there are few people present in one's life, but also when the available people have no special significance... In the case of old age, it acquires special configuration because it refers comparatively to past positive experiences. The point of arrival of a long life trajectory reveals losses and, not exclusively limited to subjectivity, expresses, above all, the social marginality that every old man or old woman is an object of. In the research, the complaints point to situations expressed in terms of "I spend the day alone, at night the children come from work, take a shower, dine and go out to meet friends. I'm still lonely" or, "There is a lot of people at home, but I feel lonely." "After I got old, I have become invisible". In more general terms, the elderly person feels the experience of those who do not receive invitations, of whom he or she does not arouse interest; of someone who is "different". It is the sensation of the one who sits out, precisely because, material or symbolically, he or she is actually put on the sidelines. It is important to reflect on this.

Key – words: solitude; old age; gender; women.

*Socióloga; Professora do Programa de Pós-Graduação em Gênero, Mulheres e Feminismo; e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Bolsista de Produtividade CNPq.

INTRODUÇÃO

A solidão, como um sentimento, pode estar presente em todas as idades. Significando uma falta de conexão e satisfação emocional de uma pessoa em relação a outras, um sentir-se sem afeto, apoio ou aceitação, acontece em várias circunstâncias e situações que a alguns não atingiria, mas a outros atinge fundo. Pode ocorrer quando há escasso número de pessoas presentes na vida de alguém, mas também quando as pessoas disponíveis não guardam especial significado para ela, ou vice-versa.

No caso da velhice, a solidão adquire configuração especial, porque remete, comparativamente, às experiências passadas, ou ao que se conseguiu fazer com elas. Ponto de chegada de longa trajetória de vida, pode revelar perdas, ou ganhos inexpressivos e, sem ater-se exclusivamente à subjetividade, expressa também a marginalidade social de que quase todo velho ou velha é objeto.

Nas minhas pesquisas (desde Britto da Motta, 1999), as queixas apontam para situações expressas em termos de “Passo o dia sozinha, de noite os filhos chegam do trabalho, tomam banho, jantam e saem para encontrar os amigos. Continuo só”. Ou “É muita gente em casa, mas me sinto só”. E, sobretudo mais recentemente: “Depois de velha, fiquei invisível”. Em termos mais gerais, a pessoa idosa, principalmente mulher, tem a vivência de quem não desperta interesse, não recebe convites, de que é “diferente”. É a sensação de quem se sente à margem, exatamente porque, material ou simbolicamente, está posta à margem, mesmo.

Em alguns casos, na medida em que se aliam o natural arrefecer da eficiência dos sentidos – principalmente a audição - e a relativa defasagem geracional no processo cultural, há um consequente resguardar-se por parte dos idosos, também. E ficarem mais sós; ou solitários.

Tudo isso pode ser pensado em relação àqueles, maioria(?), que têm casa, família e meios próprios de vida. Porém há outros mais atingidos -- os banidos da casa, da presença da família e da vida social – os que vivem em asilos.

RELATANDO EXPERIÊNCIAS

Quando orientei, pela primeira vez, um trabalho de pesquisa realizada em uma “casa de repouso” para mulheres idosas, muito bem organizada e até autointitulada Lar, me surpreendeu a organização rígida de horários – tempo em que era parte da moda teórica discutirem-se as “instituições totais” (Goffman, 1974); também a escassez de visitas às residentes, mas sobretudo a falta de interesse, reciprocidade e solidariedade entre aquelas mulheres de trajetórias e momento de vida bastante semelhantes. (LOPES PONTES, 2006). Parece que nada era buscado que ajudasse a amenizar a provável solidão.

Algum tempo depois, em novo acompanhamento de pesquisa em asilo público, redenominado Abrigo, para ambos os sexos, reencontro as mesmas solidões consentidas, as mesmas rivalidades... Nas palavras da autora, (GOMES, 2008, pg.224),

“É espantosa a falta de interação entre os moradores (...), especialmente entre as idosas do mesmo salão, que mesmo com toda a proximidade espacial, permanecem indiferentes umas às outras.(...) As mulheres... mesmo vivendo por anos lado a lado, “compartilhando” as mais profundas intimidades, quase nunca sabem o nome do outro, referindo-se a eles pelas características físicas ou posição da cama em relação à sua. Apesar disso, têm sempre informação sobre a vida do outro (...) obtidas em geral não através do próprio idoso.” (...) “A confiança, aquele elemento fundamental na construção e manutenção do vínculo social, parece inexistir por completo.”

Comentário adiante da mesma autora, leva a pensar-se em possível explicação, pelo menos parcial, para esse distanciamento:

“A estrutura institucional não permite qualquer tipo de privacidade. Cada momento do dia é “compartilhado”, involuntariamente, com outros ou com todos, desde os “companheiros de destino” até funcionários e visitantes.(...) Privacidade é algo impensável nesse espaço. Dormitório, sanitários, refeitórios. Todos os espaços são compulsoriamente coletivizados. No confinamento homogeneizado, as individualidades e diferenças são pouco respeitadas ou toleradas.” (GOMES, 2008, p. 226)

Entretanto, a atitude que têm em relação aos visitantes é surpreendentemente positiva e diferente:

“...Com estes se estabelece logo de início uma relação que se situa entre amigável e sedutora. Logo nas primeiras visitas contam suas histórias de vida, mostram retratos dos maridos, filhos (...) e até mesmo de estranhos que se tornaram ‘como da família’ (...) que muitas vezes são, real ou imaginariamente, as únicas pessoas consideradas ou desejadas como da família.” (GOMES, 2008, p. 231)

Encerra a Autora: “As visitas de estranhos quebram o silêncio e o vazio da (falta de) relações entre eles mesmos e parecem suprir, em parte, a ausência dos familiares...”

Tempos depois, tive um exemplo concreto dessa receptividade carente, colaborando com uma equipe de estudantes de universidade privada que realizavam entrevistas e visitas, para o seu trabalho final de curso, a alguns idosos residentes em uma “casa de repouso”. Recebidas com alegria e carinho, como visitantes, as estudantes descobriram, depois de algum tempo, que eram referidas pelas entrevistadas, aos outros residentes, como netas. O que acharam conveniente confirmar... Terminada a pesquisa, entretanto, pararam na intenção de manter algumas visitas e deixaram os idosos com uma segunda perda de “família”...

Passaram-se anos. Examinando tese recente (Reis, 2018), sobre o sentimento do ser pessoa idosa vivendo em instituição de longa permanência, mais uma vez reencontro mulheres, e homens também, em situações parecidas às anteriormente referidas: falta de visitas, ou estas em ocasiões não previsíveis, ou – como acontece em instituições públicas -- somente de pessoas desconhecidas que vão exercer sua pequena filantropia e/ou “levar a palavra” do seu proselitismo religioso. O cuidado, a solidariedade, poderia dizer até a cordialidade, também continuam escassas entre os residentes...

Um homem (61 anos, divorciado) fala sobre o seu cotidiano:

“No quarto em que eu durmo a gente nem se fala. Divido o quarto com mais quatro homens. Cada um fica no seu canto, quieto Eu tenho a minha televisão, fico assistindo a minha televisão., o outro tem um rádio, fica ouvindo rádio [...] fora do quarto, eu não converso com quase ninguém.” (REIS, 2018, p. 70)

Uma mulher (76 anos, viúva), como muitas outras, define solidão:

“A solidão não é viver sozinha. A solidão tem vezes que é você viver em uma casa cheia de gente. Para você ter ideia, é eu, velha, na minha casa, junto com os meus filhos e netos, eles passam para lá e para cá, capaz até de tropeçarem em mim e não dizem um “oi mainha”, “oi vó”. Isso que é solidão. Viver sozinha é diferente” (REIS, 2018, p. 70)

Mais grave, em se tratando de uma proposta pública, comunitária, como essa, é não ter o que fazer; viver

“uma rotina vazia”, como bem expressa Reis, (p.71). E como relata, ainda, uma mulher de 87 anos, solteira: “Meu cotidiano, eu não faço nada. Uma coisa que eu acho errado aqui é isso. Fico deitada, se não tiver sono, fica sem sono e com a cara pra cima” (REIS, 2018, p. 72).

E um homem de 61 anos, divorciado: “É dormir, acordar, comer, dormir, acordar, tomar remédio e dormir. Aqui não tem atividade nenhuma. Aqui só tem atividade quando o pessoal chega de fora” (REIS, 2018, p. 72).

E solidariedade, não haveria no interior de uma ILPI? É possível, sim, mas bem diferente da eleição afetiva que predomina “fora dos muros” (Adriana Valéria Freitas, 2009). Seria, então, a obrigatória “solidariedade” de dormitório em comum e talvez só em momentos de doenças, a exemplo do relato de Flor da Noite, na pesquisa de Sheyla Paranaguá (2018): “Se uma tiver precisando de mim, se cair alguma coisa eu panho e vou levo lá. Um copo de água, eu apanho levo lá. *Minha amizade é essa*” (Paranaguá Santos, 2018, p. 124). Uma “amizade” fugaz...

Entretanto, especialmente expressivo de até onde pode levar a dor da solidão, encontrei entre os idosos “livres”, em pesquisa nas páginas policiais dos jornais. Entre eles, o caso extremo da senhora de 73 anos, maltratada seguidamente pelo neto de 20. Após três dias de cárcere privado, encontrada bastante ferida pela Polícia, pediu que ele não fosse preso porque, apesar de bater nela com frequência, era sua única companhia diária. (Jornal A Tarde, 15/11/06; analisado em Britto da Motta, 2009).

E outros idosos que vivem menos pungente, e individualmente, a sua “liberdade”? São várias as solidões, e diferentes as suas causas. Para estes encontro, entre as razões maiores que direcionam para a ocorrência da solidão, o tratamento preconceituoso, discriminatório, ou até indiferente de que são diretamente objetos no cotidiano, que os atinge e os faz se retraírem; principalmente os mais velhos.

O preconceito e a discriminação são parte da dinâmica social produzida pela ignorância, pelo individualismo ou na luta por poder e dominação, inclusive entre as gerações. No caso dos velhos, o fim último do embate é a sua exclusão social, ou a assunção de seus bens e

posições, pelos mais jovens. Nessa dimensão já começam a ampliar-se as pesquisas e acumularem-se as denúncias na literatura sobre violências contra idosos, que são em maior número perpetradas em âmbito doméstico e sobre as mulheres. (Britto da Motta, 2009; 2013). Um âmbito para atuação direta, mas que é ainda ineficaz, do Estado.

Em grau menor de restrição, e até alguma positividade de intenção - é importante que também se diga - estão as tentativas desastradas de cuidado, alimentadas pela desinformação ou pouca reflexão sobre a necessidade de autonomia existente também na pessoa idosa e de relações menos hierárquicas entre as gerações, principalmente na família. Que também restringem e limitam tanto o cotidiano como o horizonte social de idosas e idosos.

Aliás, venho lamentando, há tempos, (Britto da Motta, 2007; 2012) o desconhecimento social generalizado da pessoa idosa; um esquecimento de que é a mesma pessoa que foi quando jovem, apenas com mudanças inevitáveis produzidas pelas experiências no passar do tempo; não se trata de um ser estranho, que surgiu do nada...

Norbert Elias, (2001) do alto da sua poderosa sabedoria de octogenário assumido, amplia o lamento por essa falta – inclusive em relação às limitações da própria literatura gerontológica – mas também expõe uma compreensão de motivos:

“... A maioria das pessoas mais jovens não tem base de experiência própria para imaginar o que ocorre quando o tecido muscular endurece gradualmente, ficando às vezes flácido, quando as juntas enrijecem e a renovação das células se torna mais lenta.” (...) Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos.” São dificuldades especiais que impedem a empatia. (Elias, 2007, p 80).

Dificuldade que se poderia atenuar, com ações em vários âmbitos institucionais, com informação educacional e programas ou eventos de interação entre diferentes idades. Aliás, as experiências (infelizmente escassas e pouco valorizadas no país) que conheço de propiciar encontros entre grupos de velhos e de crianças, são sempre exitosas. Em âmbito individual, também.

Lembro de experiência pessoal positiva, do passado, com meus filhos ainda crianças, quando comecei a me dar conta da importância do contato direto entre jovens e velhos. Relutantes em me acompanhar a um aniversário de adulto, foram descobertos pela mãe da aniversariante, que com eles conversou todo o tempo da visita e com quem saíram encantados, chamando-a “Vovó Maricota”; dizendo-me, na volta para casa, que gostariam de voltar a vê-la: “Ela é melhor que Chico Anísio.”

Poderia ir ainda mais atrás no recurso à memória: Criada por meus avós (pais prematuramente falecidos), “naturalmente” sempre gostei de velhos. Achava-os pessoas sábias, pacientes e sempre com algo interessante para contar. Não de admirar, conversava, com prazer, com as avós das minhas amigas...

Recentemente, conheci, no exame de uma primorosa dissertação de mestrado, um programa colombiano, amplo, de contato exitoso entre diferentes gerações, de troca de conhecimentos entre crianças, jovens e velhos. Ao final de meses de trabalho, para surpresa agradável expressa pelas crianças, os velhos tinham, realmente, o que lhes ensinar, inclusive atitudes e experiências da vida cotidiana, e da parte dos velhos, foi considerado muito bom aprender a acessar a internet e desenvolver outros usos do computador. Ao mesmo tempo, um caloroso envolvimento afetivo entre as duas gerações foi registrado, ensejando encontros e visitas fora das “aulas”... (Castro, 2018). Na expressão da Autora,

“Una de las riquezas del trabajo intergeracional al rededor de la cultura digital son justamente las diferencias culturales y prácticas de las generaciones participantes. En nuestro caso (...) los niños compartieron con las personas mayores saberes culturales, prácticos y técnicos relacionados con las TD y la cultura digital; por su parte, las personas mayores compartieron con los niños saberes culturales relacionados con la historia del país, así como saberes prácticos relacionados con la interpretación y lectura de textos impresos y juegos de mesa.” (Castro, 2018, p. 279).

E o resultado esperado:

“En estas tres actividades fue paradójicamente difícil que se desconectarán, pues ambos parecían gustar de la interacción con la otra generación y querían continuar más tiempo del permitido. (...) Vemos que lo que comenzó como programa para formación en TD acabó siendo un espacio para el intercambio y la interacción social de las generaciones, quienes cada vez más buscaban maneras de continuar en contacto con la otra generación.” (Castro, 2018, p. 242).

IDADE E PRECONCEITO

No que se refere diretamente à comum discriminação contra os idosos, uma outra raiz do preconceito e evitação em relação a eles fixa-se a partir do medo da dissolução e da morte, da velhice como espécie de contaminação e etapa explícita para a morte, que habita muitos dos de menos idade. O que é, em boa parte, também decorrente do desconhecimento do que é viver a velhice, que a crescente segmentação das idades enseja.

Porque não têm muita convivência as diferentes gerações com os velhos. Não se sabe como vivem, como se sentem, o que valorizam e constroem. É exatamente por aí que se pode situar e explicar a apreciação positiva de muitas pessoas pelos seus avós – eles são conhecidos; tiveram a oportunidade de se revelar em maior inteireza aos seus jovens, e provavelmente conhecê-los, também. E então se entenderem. (Britto da Motta, 2012)

Entretanto, o que ainda predomina no trato dos velhos, fora da família, pelos mais jovens, é uma conjugação entre preconceito e discriminação que cerceia a vida cotidiana dos idosos, revelando-se em múltiplas formas e lugares, como venho observando e tive oportunidade de discutir em trabalho anterior. (Britto da Motta 2007), do qual retomo exemplos agora.

Tratar o velho como doente, é um deles. Lembra Anita Neri (2006), isso vem por influência das opiniões e ações dos praticantes da gerontologia, “campo historicamente dominado pelo modelo biomédico, que caracteriza a velhice como doença.”

Certamente decorrente disto, um tipo de tratamento especial, diferenciado, se instala, claramente baseado no estereótipo de que todos os velhos têm problemas auditivos, visuais e até funcionamento cognitivo mais lento ou decrescente, precisando, portanto, de comunicação específica, em tom mais alto ou andamento lento e simples; como comenta Nelson (2005). E de cuja “solução” o mercado capitalista cada vez mais se ocupa e beneficia. (Ver anúncio¹)



O *overhelping* é um etarismo também praticado largamente com os velhos. É o “Deixe que eu faço, pra você não se cansar”, ou o “Não, não se abaixe !...”, ou “Não se canse, eu pego pra você”. Acontece que os idosos estão vivos, cada vez mais saudáveis, e querem continuar a atuar de acordo com o seu próprio ritmo, sem depender de ajuda dos outros. A ajuda só teria sentido para os muito idosos.

A linguagem infantilizada com os velhos tem largo uso em toda parte, principalmente entre seus cuidadores, inclusive – e surpreendentemente – entre aqueles que têm formação especializada na área de saúde, como enfermeiras e médicos. Apesar de frequentes casos de evitação de tais clientes, são muitos também os diminutivos, palavras e expressões primárias de “carinho” postigo e estereótipos preconceituosos usados no tratamento com eles. Realmente surpreende e desarma o idoso ouvir “Me dê a *mãozinha*”, ou “Estenda a *perninha*...” “Que *menina* linda!”

A linguagem pode ser, também, tão “íntima” que se torna desrespeitosa em relação à pessoa idosa. Como no caso de um dos meus personagens geracionais, D. Davina, (Britto da Motta, 2010), lúcida e solitária em sua cadeira de rodas, tratada com cuidado distante pela filha Dalva e acompanhada por cuidadora profissional também distante, mas incisiva em cumprir a orientação estrita de Dalva no tratamento com a idosa. Em observação em campo, registramos o excesso de intimidade desrespeitosa da “enfermeira” com a velha

¹ Como oportunamente demonstra recente o anúncio encontrado nos Populares do Jornal A Tarde, em 12/02/2019.

senhora, enquanto contestava seus desejos: “Viu, Duduca, tem que fazer o que D. Dalva quer, não o que você quer”.

Observe-se: a filha é “Dona”, a idosa é “você”. E ainda ganha um apelido infantil.

O próprio fato do preconceito expressar, como comumente faz, a consideração do bem estar e humanidade do idoso como menos importante do que o dos adultos jovens, também contribui para comportamentos de negligência, exploração e abuso dos adultos velhos.

Mas esta é uma questão/problema a ser vista igualmente no âmbito das políticas públicas e do Estado. Onde, aliás, os idosos também sofrem restrições de oportunidades e tratamento desigual. A começar pela Seguridade Social, âmbito onde mais deveriam alcançar proteção. Entretanto o que ocorre é, sobretudo, uma persistente campanha pública, endossada, inclusive, pelos meios de comunicação social, de atribuição do propalado *deficit* da Previdência simplesmente ao crescimento demográfico da população idosa, sem levar em conta outros fatores igualmente importantes, como a retração crescente do emprego formal – e, portanto, também do número de contribuintes ao sistema – os desfalques e os desvios governamentais de verbas para outros setores públicos que “aparecem” mais.

Quanto à prestação de serviços essenciais, como o sistema de saúde, a insuficiência de verbas orçamentárias tem seu efeito agravado pela também insuficiente informação gerontológica dos profissionais da medicina e da enfermagem, como já foi mencionado. Neri (2006) arrola uma quantidade significativa de pesquisas que evidenciam o referido preconceito implícito em relação aos idosos nessa área, manifestado, entre muitas outras atuações discriminatórias, através de procedimentos como dosagem inapropriada de medicamentos e estabelecimento de metas menos exigentes nos seus tratamentos, em comparação com aquelas tidas para pacientes de outras idades.

O que também corresponde a observação direta realizada em serviços de saúde e em hospitais, a exemplo do apurado em pesquisas como as de Andrade e Franch (2012) e a de Souza *et al* (2012), onde

repetem-se os registros de como os idosos são inadequada ou insuficientemente atendidos, ou até “vão para morrer”.

Por outro lado, Neri também analisa exatamente como investimentos recentes em educação gerontológica e acesso a contatos mais frequentes com idosos têm resultado em atitudes mais positivas dos profissionais da saúde em relação à velhice.

No campo legal, inclusive econômico e das políticas públicas, limitações aparecem como se fossem apenas meios de proteção ao idoso e à sociedade, denotando uma visão generalista e ao mesmo tempo limitada do que são os idosos, segmento social cada vez mais heterogêneo. São exemplos:

Continuam aposentados compulsoriamente aos 70 anos, perdendo, portanto, a igualdade de direitos com os trabalhadores de outras faixas etárias de permanecerem no mercado formal de trabalho. Sobretudo, não contando com a observação ou percepção de que se está ficando “velho” ou perdendo certas capacidades funcionais cada vez mais tarde. O que significa a necessidade imediata de revisão de preceitos legais e procedimentos burocráticos, inclusive quanto à dimensão cronológica, para acompanhar este processo.

Persistem as clássicas insuficiências de alcance legal de instrumentos normativos ou a não implementação deles. A própria Política Nacional do Idoso (1994), durante anos se arrastou nesse compasso e ainda não se resolveu com o Estatuto do Idoso (2003), que também tem seus problemas.

A CONDIÇÃO DE GÊNERO

Mas a solidão das pessoas idosas não se configura apenas pelo seu grau etário ou geração, pela sua raça/etnia, nem se molda apenas pela sua situação de classe ou nível educacional. Configura-se, sobremaneira, pela sua condição de gênero. Gênero como espécie de categoria sobredeterminante, porém realizando-se não de forma isolada de outras categorias ou dimensões de relações sociais como as referidas, que a depender de cada contexto têm especial relevância no posicionamento e na identificação das

pessoas, pois estruturam as expectativas e conformam a ação social. (Britto da Motta, 1999a).

Pensando o gênero como identidade, a maioria dos mais velhos é constituída por mulheres, reconhecidamente mais longevas que os homens. Mas essa condição “excedente” não as faz, de saída, candidatas à solidão. O que irá propiciar-lhes essa condição serão os seus modos de vida, isto é, a sua elaboração de gênero enquanto condição social e política desigual, desprivilegiada. O que se realiza com a articulação ou intersecção com suas referidas possibilidades enquanto classe social, raça, grau etário e geração, nível de educação e informação.

Por isso mesmo, são várias as formas e graus da solidão, como já especificado na Introdução, e extensamente sistematizado por Machado Pais, (2006), em seu belo e definitivo trabalho sobre a solidão. Mas ela realmente parece atingir mais seguidamente as mulheres.

Como maioria demográfica – e quanto mais idosas, mais proporcionalmente numerosas são – as mulheres alcançam fases mais tardias da velhice. Porque, lembre-se, hoje são muitos os anos de velhice. Há velhos e velhas “jovens” e velhas(os) mais idosos (Britto da Motta, 2004). Elas vão-se distanciando do tempo ou modelo das alegres e razoavelmente politizadas participantes dos grupos de “terceira idade” (Britto da Motta, 1999) e , cada vez mais sós, alcançando idades propectas, quando o desgaste natural do corpo vai sendo maior. Sua consequente fragilidade torna-se uma contribuição para o seu isolamento e provável sentimento de solidão. Inclusive para “natural” encaminhamento a asilos ou ILPIS .

Norbert Elias (2002, p. 8) descreve a situação com gravidade, (sem referir-se particularmente à condição de gênero): “Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros.”

José Machado Pais, que todo o tempo enfatiza a irredutibilidade social dos seres humanos, e a importante possibilidade de concretização de “uma leitura social de sentimentos individuais” (Pais, 2006, p. 351), e a solidão, consequentemente, como uma condição ou referência ao social, como que completa aquele quadro: “Se não houvesse a necessidade do

outro não haveria lugar ao sentimento da solidão. Ninguém se sente em solidão se não sente a necessidade da presença de alguém.” (Machado Pais, 2006, p. 19).

Em outro momento, Pais (2006, p.18) chancela aquilo que a nossa própria vivência cotidiana pode registrar: “A solidão não é o pouso inevitável de quem está só. É sobretudo (...) um sentimento de quem não pode assumir uma autonomia de vida.” Mas, talvez, também de quem não encontrou as pessoas “certas” e não teve como mudar isso.

Por outro lado, há quem esteja só por escolha própria. Lembra ainda Machado Pais:

“O isolamento pode ser expressão da liberdade de cada um em querer estar só. Nesse caso é vivido como opção e não como sofrimento. Artistas, escritores e cientistas descrevem a sua ‘solidão’ como uma condição necessária à criatividade” (2006, p.18).

Opção que agora se coaduna também com as necessárias escolhas das mulheres atuais como emergentes da sua secular subordinação social: as casadas de várias idades que se separaram, geralmente por determinação própria, que desejam sossego e autonomia; as idosas que se redescobriram, aliviadas, quando viúvas; mas também as que declaram que gostariam de morar sós, independentes, mas pelo avançar da idade reconhecem dificuldades, como a de poder ter algum problema súbito de saúde sem assistência imediata; ou ainda as que são cerceadas pelo cuidado imobilizador dos filhos, mas pelo menos guardam o direito de se expressar... (Britto da Motta 2004).

Mas, retomando a solidão indesejada, e feminina, que é a que predomina, vejamos a sua ocorrência possível ainda segundo diferentes modos de vida.

As mulheres velhas são também, sabidamente, mais pobres que os homens – pelo fato de que por questões sociais (injunções familiares) e educacionais participaram escassamente do mercado formal de trabalho e podem sofrer carências de recursos que vão ampliar-lhes a solidão....

Também, porque demograficamente mais numerosas, “sobram”, quando velhas, como solteiras e viúvas, como candidatas mais prováveis à solidão; assim como são a maioria dos habitantes nos asilos e ILPIS –

lugares naturais da solidão. Ou como diria mais Elias (2002, p.86), “desertos de solidão”.

Em verdade, ser velha e mulher é ser provável solitária.

CONCLUINDO

Difícil pesquisar e alcançar conclusões sobre a solidão, um fenômeno que se expressa como sentimento, que só se “materializa” e revela através das expressões do corpo – gestos, fala ... e silêncios–variáveis e múltiplas como são as pessoas e suas idades. Machado Pais discorre, expressivamente, sobre a poderosa importância informativa dos silêncios... Não raro em contraponto às falas que pouco dizem. Mas também reconhece a dificuldade de resultado da pesquisa, porque “Conhecemos mal os tipos de operação em jogo nas práticas cotidianas, seus registros e combinações.(...) Porque muitos dos instrumentos sociológicos de análise foram construídos para outros tipos de objectos e com outros objetivos... (Pais, 2006, p. 351).

Além do mais, pessoas que vivem algum tipo de solidão “... não apenas habitam o mundo da solidão.” (Pais, 2006, p. 352). (E não estão todo o tempo ao alcance do pesquisador para observação e esclarecimento...) Dependem dos tipos de relacionamento que estabelecem e do seu próprio processo emocional em relação a eles. No caso dos velhos, o sentimento eventual de solidão pode ser agudizado pela repetição da rejeição em várias circunstâncias semelhantes, ainda que com atores distintos – como referi atrás, na exposição sobre preconceito. Como analisa Bauman (1999, apud Pais 2006), “À medida que a rejeição adquiriu a aterradora regularidade de rotina diária, a solidão passou de infortúnio episódico a condição padrão.”

Por isso mesmo, cabe à sociedade, em suas várias instâncias, tentar conhecer os(as) idosos(as) e preservá-los em sua dignidade, e ao Estado, protegê-los e garantir seus direitos legais.

Ainda assim, só os desvalidos e sós, e os habitantes de asilos, fidelizam, ainda que ambigualmente, a vivência da solidão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia Andrea Rodrigues; FRANCH, Mônica. “Eles Não Estão Mais Pra Nada” Sexualidade e Processos de Envelhecimento na Dinâmica do Programa Saúde da Família. *Mediações*, Londrina, v. 17 n. 2, p. 41-56, Jul./Dez. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Jorge Zahar Editor : Rio de Janeiro, 1999.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Violências específicas aos idosos. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v.8, n. 22, mai.- ago 2013.

_____. Mulheres Velhas. Elas começam a aparecer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.) *Nova História das Mulheres no Brasil*. Editora Contexto: São Paulo, 2012.

_____. A família multigeracional e seus personagens. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, abr.-jun. 2010. p. 435-458.

_____. Violência contra as mulheres idosas – questão feminista ou questão de gênero?. Anais do XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association. Rio de Janeiro, 2009.

_____. Idade e Preconceito. In: WOLFF, Cristina Sheibe; FAVERI, Marlene de; RAMOS, Tania (orgs.) *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Editora Mulheres: Florianópolis, 2007. p. 131-145.

_____. Sociabilidades Possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers, v.1. (Org). *Família e Envelhecimento*. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.109-144.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 13, p.191-221, 1999. (Dossiê Gênero em Gerações). Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/genero-em-geracoes-1999-13>

_____. Não tá morto quem peleia. A pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese (Doutorado em Educação) Pós-Graduação em Educação. UFBA, 1999.

CASTRO, Juliet Carolina. Práticas coeducativas em torno a la cultura digital: (des)encontros intergeracionais. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. UFBA, 2018.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2001.

FREITAS, Adriana Valéria da Silva. Por trás dos muros: um estudo sobre a vida de idosos em Instituição de Longa Permanência. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, UFBA, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1974.

GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho. Proteção Social à velhice e o circuito de solidariedades intergeracionais. Salvador, 2008, 289f. il. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

LOPES PONTES, Paula. “Vivendo No Lar”: um estudo sobre os motivos de ingresso dos idosos residentes na instituição Lar Franciscano, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFBA, 2006.

NELSON, Todd D. Ageism: prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, Boston (MA) e Oxford (UK), v. 61, n.2, p. 207-221, 2005.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: FREITAS, Elizabeth Viana et al (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1316-1323.

PAIS, José Machado. *Nos rastros da solidão*. Ed. Ambar: Lisboa, 2006.

PARANAGUÁ SANTOS, Sheyla. Histórias de Violências não contadas: a institucionalização como mecanismo de acirramento da subordinação de mulheres velhas negras soteropolitanas. Dissertação

(Mestrado em gênero, mulheres e feminismo) Programa de Pós Graduação em Gênero, Mulheres e Feminismo. NEIM/UFBA Salvador-BA, 2018.

REIS, Camila. O sentido de ser-pessoa-idosa vivendo em instituição de longa permanência à luz da fenomenologia heideggeriana. Tese (Doutorado em Enfermagem e saúde) Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde. UFBA, 2018.

SOUZA, Andréa dos Santos; MEIRA, Edméia Campos; MENEZES, Maria do Rosário de. Violência Contra Pessoas Idosas Promovida em Instituição de Saúde. *Mediações*, Londrina, v. 17 n. 2, p. 57-72, Jul./Dez. 2012.